

Sérgio Vaz: a voz poética da periferia

Aline Novais de Almeida e Fabiana de Souza Azevedo

Sérgio Vaz é a voz poética da periferia há 25 anos. Cresceu em São Paulo e adotou a cidade de Taboão da Serra como lar. O poeta vive para a poesia e se auto-intitula como o “vira-lata da literatura”. Estimulado pelo pai, apaixonou-se pelas letras, paixão esta que mudou a sua vida e das inúmeras pessoas que o cercam, que o leem ou que participam do Sarau da Cooperifa, toda quarta-feira no bar do Zé Batidão. Sendo um dos idealizadores do Sarau e de outros projetos que levam arte e cultura para periferia de São Paulo, ele também tem incentivado outros escritores e poetas da periferia a ocuparem, verdadeiramente, seus espaços artísticos. Em outras palavras, como costuma declarar, atualmente a periferia de São Paulo vive sua “Primavera de Praga” ou sua “Primavera Periférica”.



Sarau da Cooperifa no bar do Zé Batidão, 2012. / Foto: Fabiana de Souza Azevedo.

“Nos reunimos [na Frente periférica antifascista e golpista] para preparar e defender o estado democrático, ainda que a gente não tenha esse privilégio de vivê-lo.”

1. Como nasceu a poesia em sua vida?

R.: Aprendi a gostar de ler com meu pai. Apesar da vida simples em minha casa, nunca faltaram livros. Comecei a me interessar por poesia ouvindo MPB, por conta das metáforas, assim como as do filme *O Carteiro e o poeta*.

2. Você consegue viver exclusivamente da literatura? Sua profissão hoje é escrever?

R.: Escrever, vender livros, palestras, oficinas, eventos etc. Não vivo de poesia, vivo para a poesia.

3. No prefácio de *Literatura, pão e poesia* (2011), Heloisa Buarque de Hollanda afirma que a construção do lugar-personagem é uma inovação em sua poética, conte-nos mais sobre essa inovação.

R.: Não sei se entendi bem a pergunta, mas minha literatura vem das ruas que os anjos não costumam frequentar. Meus personagens são pessoas que passaram e andaram em meu caminho.

4. Desde o lançamento de seu primeiro livro, em coautoria de Adrienne Mucciolo, *Subindo a ladeira mora a noite* (1988) até *Literatura, pão e poesia* (2011) você percebeu mudanças em sua escritura?

R.: Sim, não sei se pra melhor (risos), mas muita coisa mudou. Comecei a escrever de uma forma mais simples, como sou, sem me deixar influenciar por escritores que fizeram a minha cabeça. Escrever sem ser escravo da palavra, mas do sentimento.

5. Em *Cooperifa: antropofagia periférica* (2008), você explicita a importância da canção de protesto para a sua escritura. Você afirma que nos anos de 1990 esse gênero musical é substituído pelo RAP. Conte-nos como foi esse processo.

R.: Sim, ouvia as canções que falavam sobre a luta contra o regime militar. Só que quando houve a abertura esses mesmos músicos não falavam mais sobre a fome, a miséria, o racismo, a violência policial etc. Coube ao RAP falar sobre isso. O RAP é a voz dos excluídos que eliminou os atravessadores e começou a contar histórias vividas em lugares que a MPB nunca chegou.

6. Sérgio, você tem um ritual para escrever? Isto é, você precisa, por exemplo, estar em casa, no seu computador, próximo à sua biblioteca, no silêncio da noite?

R.: Não, gosto de escrever pela manhã, quando a cabeça ainda não passou por nenhum trauma do dia a dia.

7. Você guarda os manuscritos de suas obras ou se desfaz deste material após a publicação?

R.: Tenho coisas guardadas, mas por conta do computador.

8. Em *Cooperifa – antropofagia periférica* (2008), você escreve: “Sempre achei que a poesia tem que ganhar as ruas, as praças, os bares, as escolas, e nunca aceitei que o livro é o único abrigo do poema. Outra coisa que também me incomodava era essa coisa do poeta estar sempre no casulo à espera dos poucos que gostam de poesia.” Você considera que a sua poesia está relacionada com uma ação performática? Com a recitação pública?

R.: Sim, foi a palavra que deu força a minha poesia. Tem tudo a ver com meu jeito de recitar.



Virada Cultural de São Paulo, 2012. /
Foto: Fabiana de Souza Azevedo.

9. Seu pai foi a grande figura familiar responsável pela sua formação como leitor. Como se deu esta relação paterna com os livros?

R.: Fui ganhando livros como *João e Maria*, *Branca de Neve* e assim por diante. Fui sendo preparado, como um atleta, só que para gostar de ler.

10. Muitos temas abordados em suas poesias reaparecem nas crônicas de *Literatura, pão e poesia* (2011). Como se deu esse processo de transpor a poesia para a prosa?

R.: Amo prosa, mas não sei fazer. Na verdade foi uma ousadia, pois nem tudo cabe no poema, a prosa dá mais liberdade.

11. Faz parte de seu processo escritural se documentar, fazer pesquisas, recolhimento de materiais ou depoimentos? Ou são suas experiências pessoais e a observação do cotidiano?

**“Sou fascinado pelo cotidiano,
adoro ficar observando as coisas
que acontecem no dia a dia. Sou um
fotógrafo do sentimento.”**

12. A coleção “Literatura periférica”, da editora paulistana Global, acolheu as suas obras, assim como as de outros poetas e escritores que dialogam com questões da periferia. Você vê restrições com este rótulo? Como você se posiciona a respeito desta classificação?

R.: Não, muito pelo contrário, relacionar o meu nome, minha poesia ao lugar que eu amo não me prejudica em nada. Acho que os gregos também não se importaram com o título de literatura grega.

13. Sérgio, você acredita que a Cooperifa, bem como outros movimentos artístico-culturais da periferia estão ganhando um alcance maior nos últimos tempos? Haja vista o expressivo número de eventos nacionais e internacionais que você e outros poetas e escritores participam, ou mesmo, organizam.

R.: Sim, estamos vivendo a nossa “Primavera de Praga” ou “Primavera Periférica”.

14. Após os primeiros protestos ocorridos nas ruas das cidades brasileiras em junho de 2013, a Cooperifa organizou um bate-papo com o povo da periferia para debater os desdobramentos das manifestações no país. O resultado deste encontro foi intitulado “Frente periférica antifascista e golpista”. Como se deu esta articulação? Qual a finalidade dessa ação? E qual a relação entre a poesia e as demandas da sociedade?

R.: Essa reunião foi importante para a gente entender o que estava acontecendo, já que tudo que acontece no centro da cidade acaba refletindo no nosso dia a dia. Ficamos preocupados quando grupos rasgaram bandeiras do movimento negro, quando neonazistas começaram a bater nas pessoas, e a mídia se aproveitando do movimento para disseminar ideias ultradireitistas. Nos reunimos para preparar e defender o estado democrático, ainda que a gente não tenha esse privilégio de vivê-lo.



Sérgio Vaz apresentando sua biblioteca no evento Estante Viva, no Sesc Belenzinho, São Paulo, 2012. / Foto: Fabiana de Souza Azevedo.